

# A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR E SER ATIVO NO ESPAÇO EXTERIOR

---

**RAQUEL DOS SANTOS RAMALHO**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
Docência em Educação Pré-Escolar

Maio de 2024

**VERSÃO DEFINITIVA**

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação  
Pré-Escolar

## **A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR E SER ATIVO NO ESPAÇO EXTERIOR**

Autora: Raquel Dos Santos Ramalho

Orientador: Professora Doutora Joana Serpa

Maio de 2024

## **Agradecimentos**

O caminho até aqui foi longo, e todas as pessoas que se cruzaram comigo neste percurso, rico em aprendizagens tornaram-no mais leve e fácil. Assim sendo, no meu coração guardo várias memórias, aprendizagens, inspirações, mas acima de tudo, pessoas especiais, às quais não podia de lhes deixar um sincero agradecimento...

Aos meus pais, que para mim são colo e amor, que me deram total liberdade e me encorajaram para seguir os meus sonhos, sem dúvida que sem o apoio e carinho deles não me era possível chegar até aqui.

À minha tia/irmã, voz da razão, que divide todos os momentos comigo, sejam eles de conquista ou de derrota, sempre com o objetivo de me apoiar e fazer crescer.

Aos meus avós, que me permitiram ser livre durante toda a infância

Às minhas afilhadas, que sem terem consciência me deram força dia após dia.

Ao resto da família, tios e primos, que são um pilar fundamental.

À minha avó, que infelizmente partiu cedo demais, mas que certamente estaria orgulhosamente a aplaudir esta conquista de pé.

À Carla e à Nádía, que desde que os nossos caminhos se cruzaram, me encaminharam e direcionaram para o lado mais bonito no mundo da educação e com as quais possuo uma grande e bonita amizade.

Aos que me são próximos e que sempre acreditaram em mim e nas minhas capacidades.

Um agradecimento especial, incomparável e profundo à minha professora orientadora Joana Serpa por todo o apoio, disponibilidade, confiança, motivação e partilha de conhecimentos e aprendizagens, ao longo de todo este percurso.

A todos, o meu mais sincero obrigado!

## **Resumo**

O presente relatório visa aprofundar, de forma fundamentada, o tema que dá origem a este estudo “A importância de brincar e ser ativo no espaço exterior”.

Neste estudo exploratório e descritivo, revelou-se oportuno realizar uma investigação de natureza mista, através de um inquérito por questionário onde se reuniu e analisou as concepções de educadores de infância relativamente à importância que atribuem ao brincar ao ar-livre no quotidiano das crianças.

A pesquisa realizada reuniu amplo consenso acerca do posicionamento face a este tema, tendo em conta que a maioria dos educadores se encontram sensibilizados para a importância do ato do brincar e da criança ser ativa no espaço exterior, bem como as aprendizagens e benefícios que podem advir destes momentos.

Assim, reconhece-se que o espaço exterior é um recurso pedagógico complexo e rico em oportunidades educativas, embora, com a transformação e modernização da sociedade tem se vindo a refletir que as crianças passam tempo insuficiente a desfrutar de momentos ao ar-livre.

Assim sendo, os adultos, nomeadamente os educadores, surgem com um papel determinante e de grande responsabilidade, pois são eles que proporcionam às crianças, atividades no espaço exterior em meio educativo, que surge como uma alternativa pertinente e viável de ensino que poderia colmatar o desinteresse e o insucesso escolar.

Desta forma, é através destes momentos que as crianças, têm ou deveriam de ter a oportunidade de explorar diversos elementos naturais e correr riscos que desafiam e mostram ser motivadores e impulsionadores para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças.

## **Palavras-chave**

Brincar, Criança, Espaço Exterior e Ser Ativo

## **Abstract**

The aim of the present report is to delve, in a well-founded way, into the theme that served as the basis of this study “The importance of playing and being active in the outdoors.

In this exploratory and descriptive study, an opportunity arose to perform a mixed investigation, through a questionnaire survey where were gathered and analyzed the conceptions of early childhood educators about the importance they attribute to playing outdoors in children’s daily lives.

The research carried out revealed a broad consensus in relation to this topic, considering that most educators are aware of the importance of the act of playing and of child activity in the outdoor space, as well as the learning and benefits that come from these moments.

Thus, there is an acknowledgement that the outdoor space is a complex pedagogical resource and rich in educational opportunities, although, with the transformation and modernization of society, it has been remarked that children spend insufficient time enjoying moments outdoors.

Therefore, adults, namely educators, have a determining role and great responsibility, for they are the ones who provide children with activities in the outdoor space in an educational environment, which appears as a relevant and viable teaching alternative that could overcome the lack of interest and academic failure.

It is then, through these moments, that children have or should have the opportunity to explore different natural elements and take risks that challenge them and that show to be motivating and driving forces for children’s learning and development.

## ***Keywords***

*To play, Child, Outer space and Be active.*

## Índice Geral

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract.....	iv
Índice de gráficos.....	vi
Índice de Anexos .....	vii
Introdução.....	8
1. Revisão da literatura .....	10
1. Importância do Brincar.....	10
1.1. Importância do brincar no Exterior .....	11
1.2. Benefícios de brincar e ser ativo no espaço exterior .....	13
2. Problematização e metodologia.....	16
2.1. Problema, objetivos e questões de investigação .....	16
2.2. Paradigma e Metodologia de Estudo .....	17
2.3. Amostra - Amostra de Conveniência.....	18
2.4. Instrumento de recolha de dados - Inquérito por questionário .....	18
2.5. Procedimentos .....	19
2.5.1. Procedimento de recolha de dados .....	19
2.5.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	20
3. Resultados.....	21
3.1. Apresentação e discussão dos resultados.....	21
4. Considerações Finais/ Conclusões.....	38
Referências .....	41
Anexos.....	46

## Índice de gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Formação académica dos educadores de infância.....	21
<b>Gráfico 2</b> – Sexo dos educadores de infância.....	22
<b>Gráfico 3</b> - Contexto de trabalho dos inquiridos .....	22
<b>Gráfico 4</b> - Tempo de serviço dos educadores de infância .....	23
<b>Gráfico 5</b> - Educadores em instituições de ensino tradicional.....	23
<b>Gráfico 6</b> – Outras metodologias de ensino.....	24
<b>Gráfico 7</b> - Opinião sobre o tempo, passado a brincar, no espaço exterior .....	26
<b>Gráfico 8</b> - Opinião sobre a posição dos pais face ao aprender no exterior .....	28
<b>Gráfico 9</b> - Elementos considerados importantes, para se brincar, num espaço exterior .....	30
<b>Gráfico 10</b> - Grau de satisfação dos elementos existentes no espaço exterior da instituição .....	31
<b>Gráfico 11</b> - Atitude de supervisão dos educadores de infância .....	32
<b>Gráfico 12</b> - Política acerca do brincar no espaço exterior.....	34
<b>Gráfico 13</b> - Opinião sobre brincar no exterior com condições meteorológicas adversas e roupa adequada .....	35
<b>Gráfico 14</b> - Existência de roupa adequada para quando está mau tempo .....	36

## Índice de Anexos

<b>Anexo 1</b> - Capa do questionário aos educadores de infância .....	46
<b>Anexo 2</b> - Faculdade e frase introdutória ao questionário.....	47
<b>Anexo 3</b> – Percurso Profissional .....	47
<b>Anexo 4</b> – Continuação do Percurso Profissional .....	48
<b>Anexo 5</b> – Opinião e posição dos educadores face ao tema.....	49
<b>Anexo 6</b> – Continuação da Opinião e posição dos educadores face ao tema.....	50
<b>Anexo 7</b> – Continuação da Opinião e posição dos educadores face ao tema.....	51
<b>Anexo 8</b> - Opinião e posição dos educadores face ao tema .....	52
<b>Anexo 9</b> - Obstáculos ou barreiras acerca deste tema .....	53
<b>Anexo 10</b> – Continuação dos Obstáculos ou barreiras acerca deste tema .....	54
<b>Anexo 11</b> - Testemunhos e Opiniões .....	54

## Introdução

Este trabalho enquadra-se no âmbito do Mestrado de qualificação para a docência em Educação Pré-Escolar, consistindo num relatório final que visa abordar e aprofundar a importância do brincar e ser ativo no espaço exterior bem como conhecer e analisar as percepções de diversos educadores de infância e os múltiplos benefícios associados à brincadeira *outdoor*, isto é, todos aqueles que desfrutam de brincadeiras sistemáticas ao ar livre.

Segundo Arrieta e Finlay (2016) e Neto (2020), as circunstâncias de vida das pessoas têm vindo a ser alteradas uma vez que o espaço exterior sofreu, nas últimas décadas, uma maior desvalorização por parte da sociedade, assistindo-se a um declínio sistemático do tempo e espaço despendido para brincar e para atividade física. Isto acontece por atualmente vivermos numa sociedade mais moderna, mais tecnológica, mais globalizada e informada e as crianças têm sido o reflexo dessa mudança, na medida em que o ato de brincar tem vindo a ocupar menos tempo no seu quotidiano, principalmente o brincar no exterior.

Esta opinião também é reforçada por Neto (2020), quando afirma que:

*Passadas várias gerações, podemos constatar que as crianças no nosso tempo estão a brincar menos e principalmente a saber menos como lidar e controlar situações de risco. Em casa, na escola e na rua, o brincar tornou-se uma atividade cada vez mais estruturada, dirigida e formatada, através da intervenção dos pais e dos profissionais de educação. De forma geral, o medo institucionalizou-se e o brincar de risco tornou-se dificilmente aceite e não é promovido (...).*

Posto isto, é normal que haja uma crescente preocupação por parte, essencialmente, dos educadores de infância no que toca à criação de memórias e vivências de brincadeiras na infância, num espaço exterior. Willoughby (2014), refere que muitos adultos recordam este tipo de experiências como algo mágico e inspirador, que os conectou, profundamente, aos espaços exteriores e à natureza.

Assim, e através do presente estudo pretende-se perceber qual “A percepção e posição dos educadores de infância face à importância de Brincar no exterior, em contexto escolar”.

Na primeira parte deste relatório aprofundou-se o conhecimento através de uma revisão da literatura dedicada à importância da brincadeira num espaço exterior em meio educativo, bem como os seus benefícios.

Na segunda parte, apresenta-se um estudo exploratório e descritivo, de paradigma misto, realizado através de um questionário, cujos resultados foram analisados e apresentados através de gráficos, tabelas e unidades de texto. Os resultados obtidos através da extração e tratamento de dados servem como resposta aos objetivos definidos como orientadores desta investigação.

A terceira e última parte destina-se às considerações finais, onde os resultados mais relevantes são sustentados com evidências e opiniões já publicadas, por outros autores.

## 1. Revisão da literatura

### 1. Importância do Brincar

Ao longo dos últimos anos, tem-se vindo a valorizar o brincar como contributo significativo para o desenvolvimento da criança, bem como a importância que merece ser atribuída ao potencial pedagógico dos espaços exteriores. Desta forma, a junção de ambos gera o tema “brincar no espaço exterior” que tem vindo a ganhar particular relevo na investigação científica.

O conceito de brincar é polissémico, ou seja, é interpretado de maneiras diferentes por diversos autores sendo que muitas teorias e opiniões se complementam.

Assim, brincar é um direito que foi proclamado pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), que está contemplado na Carta de Direitos, no Princípio nº7, da Direção Geral da Educação (1959) “A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos” (p. 2).

Em função do apresentado, todas as crianças têm o direito de brincar, sem que o adulto interrompa ou impeça esse tempo de crescimento que é rico em aprendizagens, conforme afirma Crespo (2016) é onde se exercita, “a sua imaginação, porque na brincadeira a criança ordena, desordena, destrói e constrói o mundo à sua maneira, conquistando assim um espaço para as suas fantasias, desejos, medos e sentimentos” (p. 61), pelo que Gomes (2010) menciona que “brincar potencia o desenvolvimento global da criança, pois permite-lhe aprender a conhecer, fazer, conviver e sobretudo, a ser” (p.46), assim é uma importante e indispensável forma de aprendizagem e interação, na medida em que a criança desenvolve variadas competências, faz inúmeras interpretações e tem a possibilidade de expressar os seus sentimentos e valores, como salienta Kishimoto (2010):

*(...) o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimento e valores, conhecer a si aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua*

*individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. (p. 4-7).*

Neste seguimento, o brincar assume um papel sério, na medida em que as crianças vão explorando o mundo e preparando-se para o mesmo, pois como afirma Zanluchi (2005), “Quando brinca, a criança prepara-se para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas”. Para completar a opinião e evidenciar a seriedade deste momento Silva, Marques, Mata, e Rosa (2016) explicam que o brincar é muito mais do que um tempo em que a criança está entretida, pois é através desta atividade natural e espontânea que a criança traduz a sua forma holística de aprender.

Assim, incluir a relevância do brincar no currículo permite ao educador utilizar a brincadeira como um recurso pedagógico, aumentando o interesse e o prazer por aprender das crianças.

### **1.1. Importância do brincar no Exterior**

Considerando o anteriormente referido, junta-se a importância do brincar num espaço exterior à importância do brincar que resulta no tema e objeto de estudo do presente relatório “Brincar e Ser Ativo no Espaço Exterior”, que também é um direito e uma oportunidade que todas as crianças devem usufruir com regularidade na sua infância, pois, como afirma Neto (2020):

*O direito da criança a brincar na Natureza deve ser considerado como uma extensão da interpretação do art.º 31 e do art.º 29, ao reconhecer-se que a educação da criança deverá estar direcionada no sentido de a consciencializar para o respeito pelo meio ambiente.*

A brincadeira ao ar-livre é transversal a todos os estádios da infância, pelo que o espaço exterior é um ambiente educativo rico e complexo na medida em que possui um leque amplo de recursos pedagógicos que são necessários e suficientes para educar as

crianças de uma forma integral, completa e benéfica. Como está presente nas Orientações Curriculares para a Infância, OCEPE (2016), o espaço exterior é apresentado como um espaço educativo com “características e potencialidades que permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas.”, pelo que merece “a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior.” (p. 29).

Para Bento e Portugal (2019), "o brincar ao ar livre potência diferentes formas de interação social, contacto e exploração do meio natural e atividades físicas, contribuindo assim para enriquecer e diversificar a oferta educativa" (p. 93). Assim, no exterior as crianças sentem-se mais livres e capazes para explorar tudo o que as rodeia, como afirma Hanscom (2018), brincar ao ar livre é essencial para o desenvolvimento das crianças.

Para a utilização recorrente do espaço exterior, os adultos têm um papel fundamental e de muita responsabilidade, nomeadamente, os educadores, pois como é salientado na Nature action collaborative for children (citado por Nilsen, 2008) “como adultos responsáveis, devemos abrir as portas e proporcionar às crianças oportunidades que as liguem de forma plena à natureza, para que as crianças possam ganhar uma compreensão do mundo natural”. Assim, é possível mudar o rumo do insucesso escolar de modo que as crianças aproveitem melhor o tempo na escola, como reforça Neto (2020):

*O facto de as crianças passarem muito tempo sentadas nas salas de aulas, desde muito cedo, acaba por lhes causar desinteresse e incentivar o insucesso escolar, será preferível que as crianças estejam sentadas a brincar e aprender no chão da sala ou lá fora, em contacto com a terra, a relva ou a Natureza (em contexto livre), porque essa será a melhor forma de dar significado ao tempo que passam na escola.*

De salientar que nem todas as instituições têm um espaço exterior com as condições desejáveis para brincar, em termos de tamanho e materiais naturais, sendo que nestas situações cabe ao educador juntamente com a instituição de ensino encontrar estratégias para ultrapassar esses constrangimentos. De acordo com Ventura (2021) a “utilização dos espaços da comunidade pode ser uma alternativa, como jardins, pinhais, pequenos riachos, hortas vizinhas, quintas pedagógicas e outros espaços” (p. 44).

## **1.2. Benefícios de brincar e ser ativo no espaço exterior**

Tendo em consideração a informação que tem emergido nesta área de investigação, Ferreira (2015) explica que “podemos assumir que as brincadeiras ao ar livre e a exploração da natureza são atividades que produzem benefícios, incluindo ao nível da saúde e do bem-estar, tanto a curto como a longo prazo”.

Assim, a brincadeira no meio exterior promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas, uma vez que segundo Tovey (2007), “é possível considerar que, pela sua imprevisibilidade, os espaços naturais colocam desafios às crianças, incentivando-as a mobilizar estratégias de resolução de problemas e de pensamento criativo”, de habilidades motoras, pelas diversas oportunidades que lhes são proporcionadas, como correr, saltar, trepar, balançar, construir e rastejar. Bilton (2010) evidencia que “a possibilidade de manusear diferentes objetos que exigem cuidados específicos (ferramentas, paus, pedras) contribui para o desenvolvimento da motricidade fina e da coordenação olho-mão, que mais tarde vão ser importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita” e habilidades de socialização, na medida que o tempo que desfrutam ao ar-livre segundo Hanscom (2018) “é essencial, para que as crianças brinquem em pares ou em pequenos grupos, permitindo que desenvolvam positivamente as suas interações sociais”, dado que as crianças interagem num local mais aberto e por isso o trabalho em equipa, a comunicação, a resolução de conflitos e a ajuda estão sempre presentes.

É através do contacto direto com o espaço exterior e/ou com a brincadeira na natureza, que as crianças são sensibilizadas para a importância da atividade física que influencia diretamente e positivamente a saúde das crianças, beneficiando assim de um maior equilíbrio psicológico, pois como reforça Bento (2020) é evidente que “para além dos benefícios relacionados com o bem-estar físico, os espaços exteriores podem contribuir para o equilíbrio psicológico do sujeito, apoiando na recuperação de estados de fadiga, stress ou ansiedade” (p. 35).

Desta forma, também ganham mais imunidade, sendo por isso mais resistentes aos vírus e bactérias que são comuns na infância, e que nos espaços interiores se propagam com mais facilidade. Acresce também o facto de muitas doenças serem evitadas e prevenidas na infância, como a redução do risco de sintomas de défice de atenção, de problemas visuais e de sedentarismo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, OMS (2017):

*O crescente sedentarismo das populações constitui-se como um problema social grave, que contribui para o aumento dos níveis de obesidade entre crianças e adultos. Apesar de se reconhecer que a obesidade resulta de uma multiplicidade de fatores, (...) diferentes estudos destacam a importância da atividade física, em espaços ao ar livre, como estratégia eficaz para combater problemas de excesso de peso e, conseqüentemente, promover hábitos de vida mais saudáveis.*

Mais sucintamente, a liberdade que estas crianças têm no seu dia a dia faz com que se tornem mais criativas, por observarem e estarem em contacto com a constante transformação da Natureza. Assim, e segundo Hanscom (2018), “os objetos na natureza, inspiram as crianças a usar a sua imaginação, a desafiar o seu pensamento e a testar os seus limites físicos” (p. 98). Desta forma, a empatia e o respeito são valores presentes no dia a dia destas crianças, pois ao compreenderem o meio natural, optam por escolhas e ações que possam proteger o meio ambiente, bem como a entreatjada, na medida que nas suas brincadeiras trabalham maioritariamente em equipa.

A exploração livre e ativa do meio natural permite que as crianças conheçam melhor os seus limites e avaliem os riscos, evitando lesões, ou seja, Oliveira e Rodrigues (2006), identifica diversas eventualidades de ação ao compreender o comportamento associado às características do ambiente. Neto (2020), reconhece que “o risco é uma necessidade biológica e cultural de sobrevivência da espécie humana (condição de natureza evolutiva), que permite o aperfeiçoamento progressivo de várias competências e a superação e a transcendência da corporalidade” (p. 97). Por isso, o brincar arriscado é uma condição necessária para a aprendizagem do julgamento dos próprios riscos. Como clarifica Kvalnes (2017), algumas investigações realizadas sobre a infância indicam que as crianças aprendem a julgar os riscos através das experiências vividas com situações de risco.

Assim sendo, Neto (2020) salienta que:

*Os comportamentos de risco através do brincar permitem à criança ganhar maior segurança e autonomia, e estão relacionados com a sobrevivência (...). As crianças, enquanto brincam, precisam de correr riscos (correr, saltar, trepar,*

*lutar, rolar, suspender-se, balancear, equilibrar-se, manipular objetos, sujar-se, etc). Desta forma, aceitar os benefícios de pequenos riscos e a existência de pequenos acidentes (joelhos esfolados, pequenas escoriações, etc.) pode representar aspetos muito positivos para o desenvolvimento da criança. (p. 23)*

Em suma, a American Academy of Pediatrics (2006) afirma que, uma vez usufruindo do contacto regular com a natureza, através de experiências livres de exploração ativa e positiva, os bebés e crianças têm acesso a uma vida saudável.

## **2. Problematização e metodologia**

### **2.1. Problema, objetivos e questões de investigação**

O termo metodologia surge na literatura para designar os vários meios que norteiam o investigador no processo de investigação. Assim, segundo Coutinho (2014), os métodos de investigação são um caminho para chegar ao conhecimento.

Neste sentido, no presente capítulo são apresentadas as decisões metodológicas que serviram de base para a investigação. Isto é, o problema e as questões orientadoras, os objetivos, a metodologia de estudo, o paradigma, os participantes, os instrumentos e procedimentos de recolha de dados, a análise dos mesmos, as questões éticas e, por fim, os resultados obtidos.

Devido à mudança de estilos de vida que advém da modernização da sociedade, o problema que originou a presente investigação recai sobre o facto de as crianças, atualmente, terem pouco ou nenhum contacto com o espaço exterior em contexto escolar, e isso ser prejudicial na aquisição de conhecimentos e competências. Esta situação afeta diretamente o desenvolvimento global da criança, a nível cognitivo, motor, pessoal e social. Como afirma Bento (2012), brincar em espaços exteriores torna as crianças mais felizes, criativas e saudáveis.

Sá (2016) corrobora as ideias apresentadas e menciona que o espaço exterior num contexto de educação permite o desenvolvimento de novas aprendizagens, através da realização de experiências, facilitando o envolvimento nouro tipo de explorações e aprendizagens distintas das realizadas no interior, visto ser um local com características e potencialidades diferentes.

Assim, dada a natureza do nosso estudo, optou-se pela implementação de um estudo misto através da criação de um inquérito por questionário, tendo em conta que como realça Quivy e Campenhoudt (1992) “o questionário é um instrumento de observação não participante, baseado numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio” (p. 122). Neste caso, a questão de investigação recai sobre “Qual a perceção dos educadores de infância face à importância de Brincar no exterior, em contexto escolar?”.

Desta forma, visa-se apurar respostas que sustentem e expliquem a importância de brincar e ser ativo no espaço exterior, de modo a compreender as perceções dos

educadores inquiridos quanto ao tempo de frequência atribuído às crianças para brincarem no exterior, à diversidade e adequação dos materiais, à postura do educador e da instituição, e se no dia a dia encontram barreiras que impeçam as crianças de recorrer ao espaço exterior.

Assim, o objetivo passa por se fazer uma comparação da posição dos educadores de infância, relativamente à importância que dão ao tema em estudo. Isto é, se concordam ou discordam com o facto de o brincar no espaço exterior, em contexto escolar, assumir um papel fundamental e essencial na rotina das crianças. Neste sentido, relaciona-se as diversas perceções com as diferentes realidades com que os educadores de infância inquiridos se deparam nas instituições de ensino onde trabalham.

## **2.2.Paradigma e Metodologia de Estudo**

Como salienta Creswell (2007) a pesquisa através de métodos mistos “é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa” (p. 27). Esta foi a abordagem que mais se adequou a todo o processo de investigação, na medida que se recolheu perspetivas e opiniões relevantes no âmbito do estudo que sustentam a análise quantitativa. Desta forma, Huberman e Miles (2002), afirmam que “a utilização destas duas metodologias não representa uma dicotomia, mas sim uma complementaridade”.

Neste seguimento, Creswell e Clark (2011) definem métodos mistos como um procedimento de recolha, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas num mesmo desenho de pesquisa. Pelo que estes autores defendem o seguinte:

- *Sequential explanatory strategy* - Quantitativo precede o qualitativo. A análise qualitativa será realizada a partir dos resultados preliminares produzidos via análise quantitativa
- *Sequential exploratory strategy* - Qualitativo precede o quantitativo. O desenho de pesquisa pode ser ou não teoricamente orientado.
- *Sequential transformative strategy* - Aquele procedimento em que o pesquisador utiliza o enfoque teórico como uma perspetiva ampla, cujo projeto apresenta dados quantitativos e qualitativos.

Através de uma metodologia de natureza mista, consegue-se assegurar uma maior precisão dos dados, obtendo uma imagem mais completa do fenómeno em estudo, tendo

em conta a junção de tipos de dados e fontes, evitando o rumo a abordagem do método único.

Este estudo exploratório e descritivo utiliza uma metodologia que procura descrever uma realidade sem intervenção do investigador, conhecendo a percepção dos educadores de infância sobre o assunto em questão, sem interferir nas suas práticas.

### **2.3.Amostra - Amostra de Conveniência**

A nossa amostra foi constituída por trinta e cinco educadores de infância, que exercem em diferentes contextos profissionais. Esta amostra, segundo Mc Daniel e Gates, (2013), “como o próprio nome diz foi efetuada por conveniência” uma vez que corresponde a uma técnica de amostragem não probabilística e não aleatória que é utilizada para constituir amostras de acordo com a facilidade de acesso e disponibilidade dos indivíduos, sendo o nosso critério de inclusão o ser educador de infância.

Neste seguimento, a parte inicial do questionário destina-se às variáveis independentes, isto é, aos dados que caracterizam a pessoa e que não se alteram ao longo do estudo, como é o caso: da formação académica, do sexo, do contexto de trabalho e do tempo de serviço. Já os restantes grupos de perguntas, presentes no questionário, aparecem como variáveis dependentes, ou seja, percepções e opiniões, que podem diferir consoante as variáveis independentes.

### **2.4.Instrumento de recolha de dados - Inquérito por questionário**

Como afirma Hoz (1985), o inquérito por questionário “é um instrumento para recolha de dados constituído por um conjunto mais ou menos amplo de questões que se consideram relevantes de acordo com as características e dimensão do que se deseja observar” (p.58). Assim, no presente estudo, no que toca ao instrumento de recolha de dados, o questionário intitulado por “Importância de Brincar e Ser Ativo no Exterior”, consiste numa adaptação do inquérito utilizado no projeto internacional “2017-1-PT01KA201-035784 | MLO – Moving and Learning Outside” sendo possível, através deste instrumento, e de acordo com Tuckman (2000) “aceder a dimensões internas de uma pessoa, a informação ou conhecimento que possui: aos seus valores, preferências, atitudes ou crenças, ou ainda às suas experiências passadas e/ou atuais”.

Na sua elaboração, como referido anteriormente, tivemos por base outro questionário já existente. Desta maneira, adaptou-se algumas questões, simplificando sempre que possível o conteúdo, para que não suscitasse dúvidas aos inquiridos, seguindo sempre uma linha de raciocínio.

Assim, ainda se intercalou o tipo de questões, pelo que o tipo de questionário utilizado para o presente relatório, como refere Sousa e Baptista (2011), foi um “questionário *misto*, apresentando questões de resposta aberta e fechada”.

Por um lado, as questões de resposta fechada podem ser questões de escolha múltipla, caixas de seleção, onde o inquirido tem a possibilidade de selecionar diversas opções de resposta numa só lista, e de classificação. Por outro lado, as de resposta aberta, onde cada participante tem oportunidade de se expressar, evidenciando alguns conhecimentos e procedendo a explicações, opiniões e testemunhos, podem ser significativas para a análise das perguntas com respostas fechadas.

Neste seguimento, e apesar dos diferentes tipos de questões, relativamente ao conteúdo, este questionário subdivide-se, essencialmente, em quatro grupos de questões:

- 1) Percurso profissional do inquirido
- 2) Opinião e posicionamento face à importância de brincar no Exterior
- 3) Obstáculos ou barreiras que impedem a frequência recorrente do espaço exterior
- 4) Testemunhos e opiniões

## **2.5.Procedimentos**

### **2.5.1. Procedimento de recolha de dados**

A recolha de dados, para esta investigação, foi realizada entre o do mês de novembro e o final do mês de dezembro, do ano letivo de 2023/2024. O tempo para a recolha das respostas foi de, sensivelmente, um mês.

Relativamente aos procedimentos de recolha de dados, o questionário foi aplicado, digitalmente, através da plataforma *Google Forms* e destinou-se a educadores de infância, onde se obteve a participação de trinta e cinco participantes.

A partilha do link foi enviada, diretamente, via *whatsaapp* a todos os elementos da amostra, sabendo que estes são educadores de infância e exercem em diferentes tipos

de contexto, isto é, seguem diferentes metodologias, aumentando a dimensão e diversificando os tipos de contextos educacionais.

A definição e seleção de critérios é fundamental para a boa prática e aplicação dos questionários, desta forma estabeleceu-se utilizar os critérios de inclusão que de acordo com Browner, Cummings, Grady, Hulley, e Newman (2007) “são definidos como as características-chave da população-alvo que os investigadores utilizarão para responder à pergunta do estudo”, na medida que todos os indivíduos com qualificação para exercer como educadores de infância podem responder ao questionário deste estudo, independentemente de estarem ou não no ativo.

Com intenção de salvaguardar os participantes, foi mantido o anonimato dos dados a recolher, sendo estes apenas utilizados para fins académicos e investigativos. Estabeleceu-se ainda que apenas os elementos responsáveis pelo tratamento de dados têm acesso aos mesmos durante o período de vigência do estudo (previsivelmente até ao final do ano 2024), sendo este o período de conservação dos dados.

No âmbito deste projeto, é obrigatório cumprir todas as disposições contidas na Lei de proteção de dados pessoais (Lei nº 67/ 98). Assim, não se prevê a destruição dos dados anonimizados recolhidos, para que possam ser transmitidos à comunidade científica em eventos públicos, congressos científicos e outras publicações, dando cumprimento às diretrizes da transparência científica.

### **2.5.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados**

Neste trabalho, tratámos os nossos resultados de modo quantitativo, nas respostas às questões fechadas, descrevendo estatisticamente, com valores médios, mínimos e máximos. Quanto às questões abertas, procurámos encontrar categorias de resposta comuns, que nos permitisse interpretar estes resultados, através de gráficos, tópicos e síntese de respostas, considerando as premissas teóricas que anteriormente apresentámos no documento, com o intuito de sustentar a análise de dados obtida através de perceções de diversos autores conhecedores do tema.

### 3. Resultados

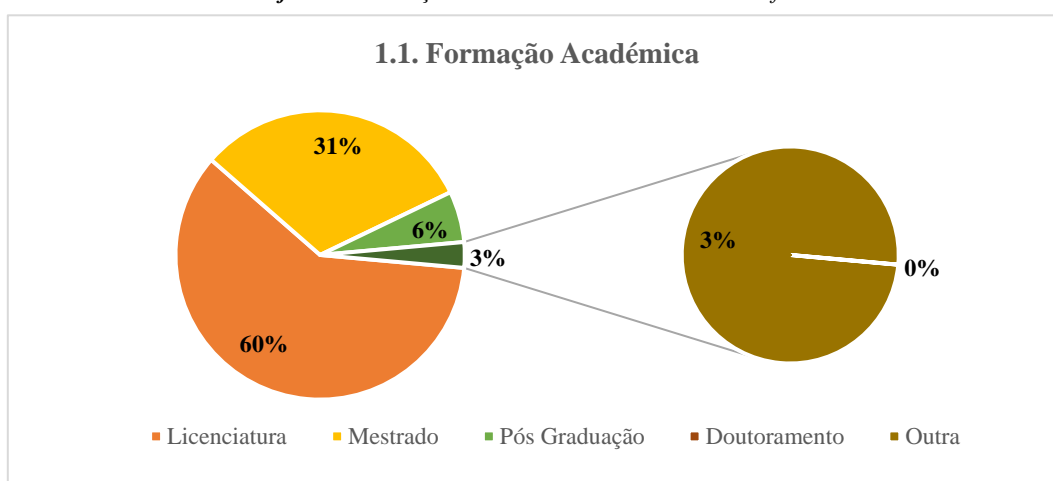
#### 3.1. Apresentação e discussão dos resultados

Ao longo deste capítulo iremos apresentar, analisar e discutir os nossos resultados, seguindo a estrutura do nosso instrumento (questionário aplicado), e complementando com evidências de outros estudos que reforçam ou contrariam o que verificámos. Assim, é através desta discussão de resultados, questão a questão, que se conhece diversas realidades, perspetivas e perceções acerca do tema do presente relatório.

##### 1. Grupo destinado ao percurso profissional:

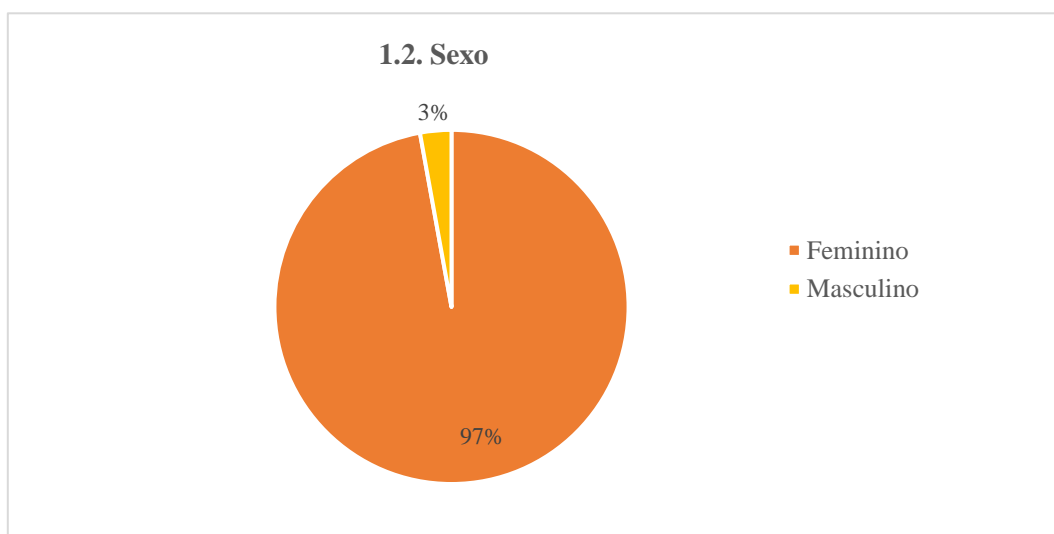
Relativamente ao percurso profissional da nossa amostra, no gráfico seguinte apresentamos as diferentes formações iniciais dos seus elementos.

*Gráfico 1 - Formação académica dos educadores de infância*



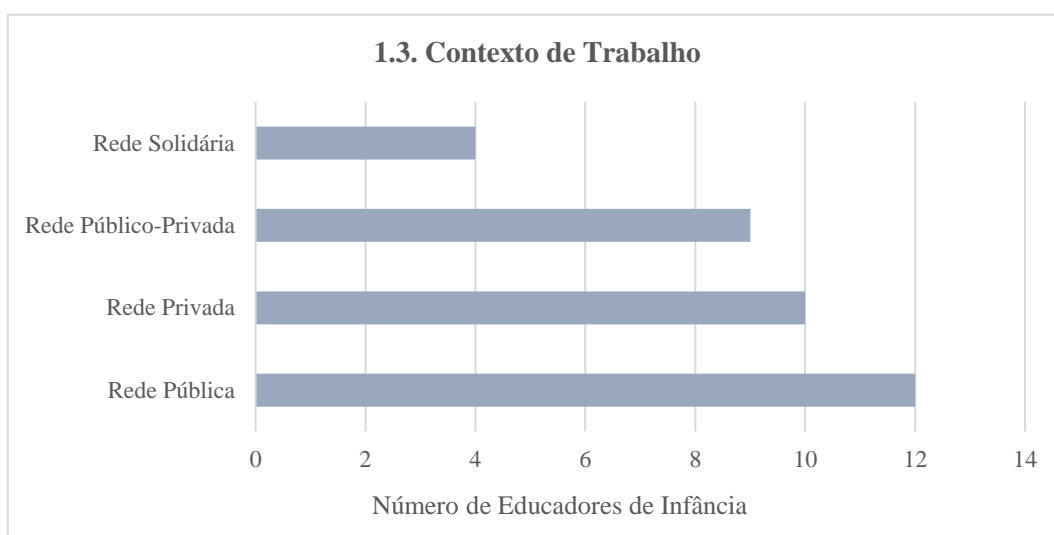
Dos 35 (trinta e cinco) educadores de infância que foram questionados, 21 (vinte e um) possuem licenciatura, 11 (onze) são mestres em educação de infância, 2 (dois) tiraram uma pós-graduação e apenas 1 (um) tem outro tipo de habilitações e nenhum dos inquiridos tem doutoramento na área.

**Gráfico 2 – Sexo dos educadores de infância**



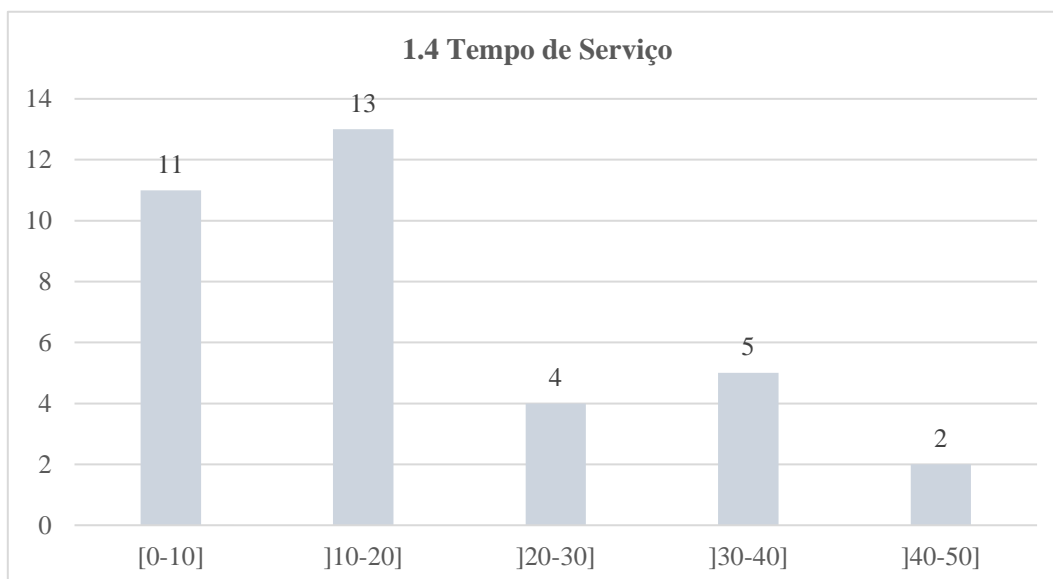
Considerando a nossa amostra, dos 35 (trinta e cinco) elementos, apenas 1 (uma) pessoa é do sexo masculino e as restantes 34 (trinta e quatro) são do sexo feminino. Esta discrepância de género deve-se à escassa existência de educadores do sexo masculino. Este facto, de acordo com Mutinho e Kuhlmann (1990), poderá ser justificado pela representação do papel simbólico de mãe, por parte das educadoras mulheres.

**Gráfico 3 - Contexto de trabalho dos inquiridos**



Conforme podemos verificar no Gráfico 3, acima apresentado, o contexto de trabalho que reúne mais pessoas é a Rede Pública, logo de seguida da Rede Privada, depois a Rede Público-Privada e, por fim, a Rede Solidária.

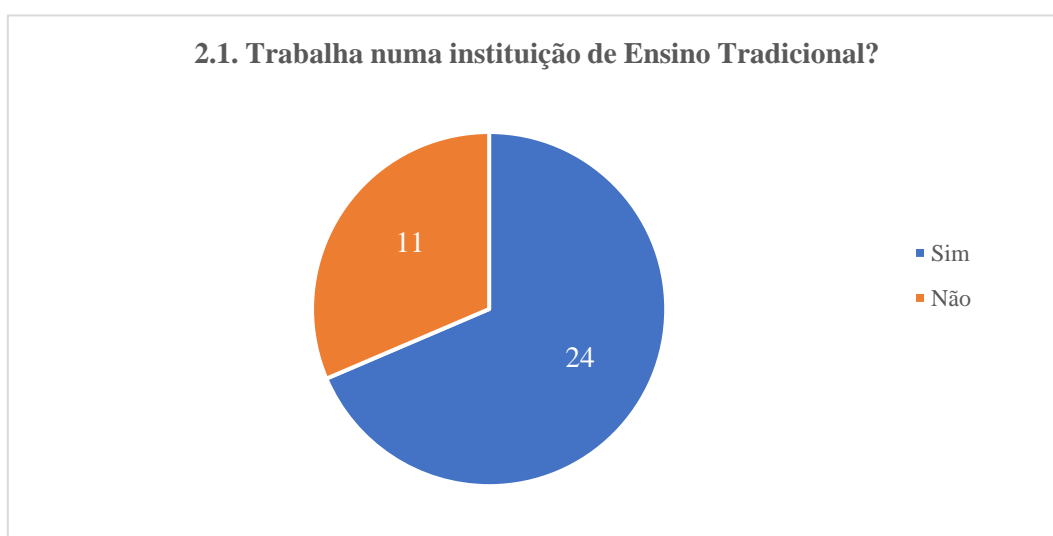
**Gráfico 4 - Tempo de serviço dos educadores de infância**



Relativamente ao tempo de serviço dos educadores de infância inquiridos, conforme constatamos no Gráfico 4, a média de tempo de serviço é de aproximadamente 18 (dezoito) anos. Como é possível constatar, o intervalo de 10 (dez) anos que reúne mais pessoas é o intervalo com pessoas com mais de 10 (dez) anos de serviço até 20 (vinte) anos. Assim, na presente amostra existem poucas pessoas com muitos anos de serviço, o que poderá ser expectável, considerando a atualização e renovação dos profissionais que exercem profissionalmente como educadores de infância.

2. Grupo destinado à opinião e posicionamento sobre a importância do brincar no exterior/ natureza:

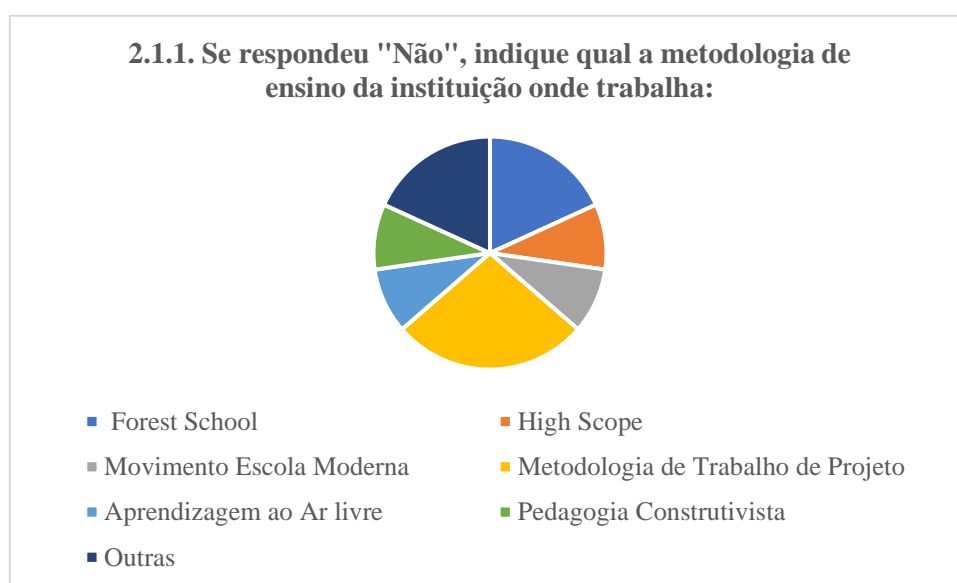
**Gráfico 5 - Educadores em instituições de ensino tradicional**



Os nossos resultados, indicam-nos que mais de metade dos educadores inquiridos, isto é, cerca de 24 (vinte e quatro) pessoas da amostra, trabalha numa instituição de Ensino Tradicional e 11 (onze) trabalham em instituições que não se regem por este tipo de ensino.

De salientar que o Ensino Tradicional é um modelo de ensino onde se privilegia a aprendizagem passiva, pois considera-se que o conhecimento da criança advém da passagem de informação de forma teórica por parte do professor e/ou do educador sem grande participação ativa por parte das crianças.

**Gráfico 6 – Outras metodologias de ensino**



Como podemos observar no gráfico acima apresentado, as pedagogias que foram mencionadas pelos educadores de infância que não exercem em Instituições de Ensino tradicional são: Forest School, Aprendizagem ao Ar Livre, Movimento Escola Moderna (MEM), High Scope, Metodologia de Trabalho de Projeto e Pedagogia Construtivista.

Efetivamente, o Movimento Escola Moderna, o modelo curricular High Scope, ambos mencionados pelos inquiridos, e Reggio Emília, que não foi nomeado, são reconhecidos por Formosinho (2007) como “três gramáticas pedagógicas que se podem construir em andaimes para desenvolver uma outra pedagogia - uma pedagogia transformativa que credita a criança com direitos, compreende a sua competência, escuta a sua voz para transformar a ação pedagógica numa atividade compartilhada” (p. 15).

Quanto à pedagogia construtivista, segundo Arias e Yera (1996) “a aprendizagem é um processo de construção de conhecimentos, através do diálogo entre adulto e criança, sendo que o epicentro do processo é sempre a própria criança” (p. 11). Já a metodologia de trabalho de projeto como refere Mateus (2011) é “uma metodologia investigativa centrada na resolução de problemas reais e pertinentes, que permite criar uma nova relação entre a prática e a teoria” (p. 3).

Assim, como afirmam Bento e Portugal, (2016):

*Têm-se observado iniciativas de alguns educadores, mais ou menos pontuais, no sentido de expandir a sua ação pedagógica ao espaço exterior, e outros, sentindo necessidade de uma maior fundamentação para a mudança, procuram alargar a sua visão e prática pedagógicas através de formação em contexto. (p. 88)*

Ainda os mesmos autores, Bento e Portugal (2016), focam-se na assunção da importância de brincar, particularmente no exterior, que assumem que interfere na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sendo que estas iniciativas se referem sobretudo a escolas ou projetos *Forest School* e de Aprendizagem ao ar livre.

Desta forma, é evidente que as metodologias que tem vindo a surgir, e que foram mencionadas pelos educadores de infância, acabam por ter algo em comum, neste caso o foco no bem-estar das crianças associado às suas necessidades e à sua participação ativa, aliado à utilização do exterior como espaço educativo e pedagógico.

## **2.2. Considera importante as crianças brincarem no Espaço Exterior e/ou Natureza? Porquê?**

Todos os educadores de infância consideraram que é importante as crianças brincarem no exterior, e ainda houve quem mencionasse que acreditava que seria o mais importante. Neste seguimento, houve diversas explicações que sustentaram, para estes educadores de infância, a importância de as crianças brincarem no espaço exterior e/ou na natureza.

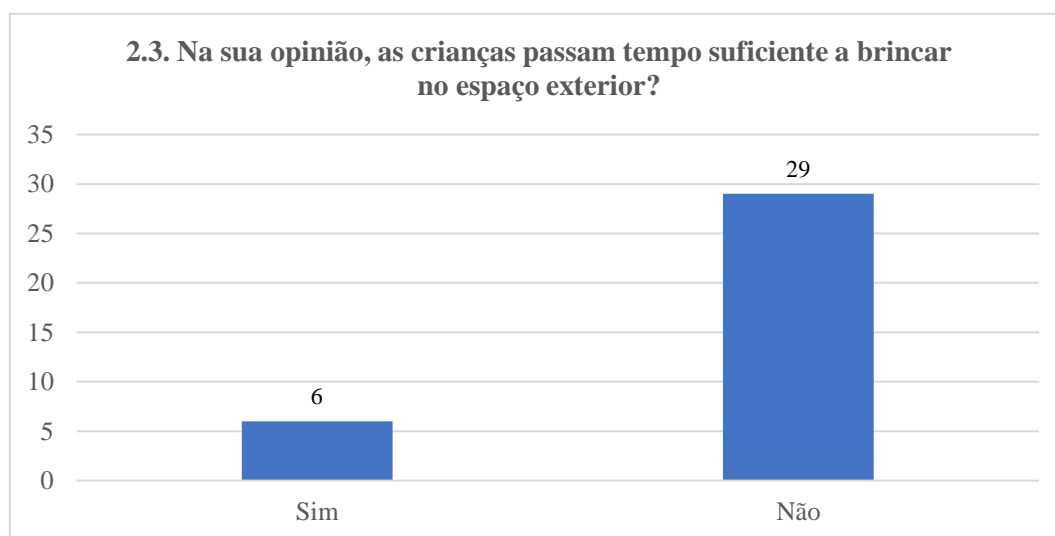
Por um lado, as justificações mais comuns passam pelo desenvolvimento pleno, isto é, o desenvolvimento de diversas competências, aprendizagens e habilidades, a influência que a brincadeira no exterior e/ou na natureza tem na saúde física e mental,

bem como no fortalecimento do sistema imunitário, a redução dos conflitos e o aumento da criatividade e da imaginação.

Por outro lado, a exploração do espaço exterior e/ou da natureza faz com que as crianças ganhem facilidade em compreender fenômenos e situações do dia a dia, potenciando a sustentabilidade e a proteção da natureza e, por fim, retenham conhecimentos, potencialidades e memórias que são marcantes para o resto das vidas das crianças.

Como mencionado anteriormente, há inúmeros benefícios associados à brincadeira no espaço exterior, e cada vez mais os educadores têm essa percepção. Visivelmente, e como salientado por Thomas & Harding (2011), brincar nos espaços exteriores “promove competências de observação, atenção e curiosidade que fomentam a vontade da criança saber, conhecer e descobrir mais”, e é através desta oportunidade que se “conduz à mobilização de todo o corpo na exploração do meio, dos objetos e das próprias capacidades, permitindo que se desenvolvam competências sociais, emocionais, físicas/motoras e cognitivas”. (p. 12-21)

**Gráfico 7 - Opinião sobre o tempo, passado a brincar, no espaço exterior**



Conforme se pode verificar na figura 7, grande parte dos educadores de infância pensa que as crianças não passam tempo suficiente no espaço exterior na maioria dos ambientes dedicados à infância. Assim, e segundo a discrepância no gráfico apresentado, parece-nos que no nosso país não se atribui a importância devida ao espaço exterior.

Deste modo, como evidencia Figueiredo (2015), o tempo que as crianças passam neste ambiente parece ser insuficiente, comparativamente com o tempo que estas passam envolvidas em atividades de sala de aula.

É neste sentido que diversos autores evidenciam o seu descontentamento, após um estudo universal que surgiu e foi divulgado pela *Unilever*, onde se compara o tempo que uma criança passa no espaço exterior, desfrutando do ar livre, ao tempo que os reclusos passam, e conforme afirma o pedopsiquiatra Strecht (2018) “uma criança passa menos tempo ao ar livre do que um recluso”, mais salienta Neto (2020) quando garante que “os presos têm mais tempo livre fora das celas do que têm as crianças no seu dia a dia”.

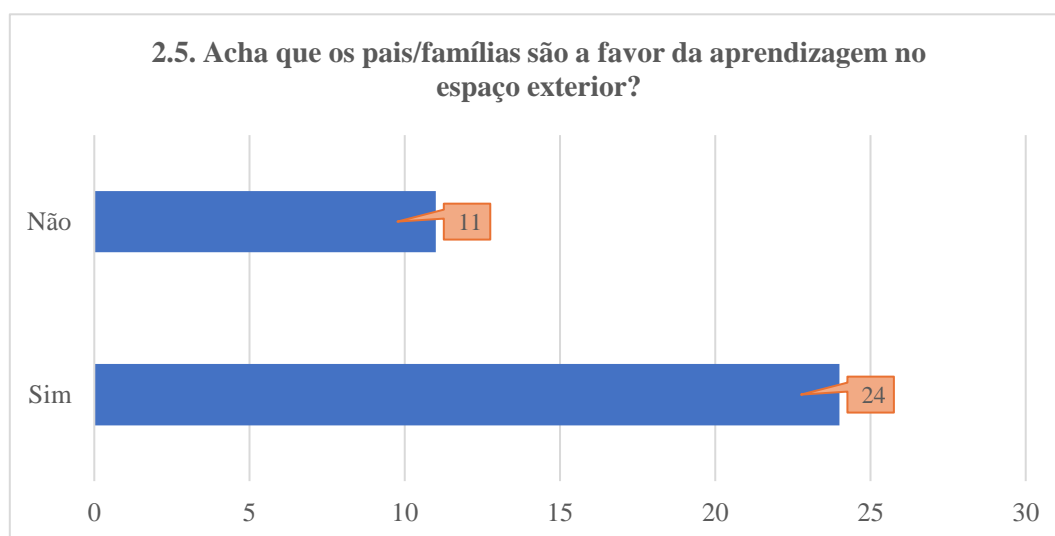
#### **2.4. Durante o período educativo dá oportunidade às crianças de brincarem no espaço exterior? Dê alguns exemplos de atividades ou momentos.**

Todos os inquiridos responderam afirmativamente a esta questão, à exceção de um elemento que respondeu "não", isto é, um(a) educador(a) que afirmou não promover esta oportunidade às crianças.

Os elementos que responderam afirmativamente, indicaram algumas atividades que costumam proporcionar no espaço exterior:

- ✚ Jogos tradicionais e danças
- ✚ Dinamização de histórias
- ✚ Atividades que desenvolvam a atividade física, a expressão motora, musical e plástica
- ✚ Caminhadas
- ✚ Brincadeira livre
- ✚ Brincadeiras com terra, água, areia, e com outros elementos naturais
- ✚ Brincadeiras na chuva
- ✚ Ateliê de barro e argila
- ✚ Piqueniques
- ✚ Jardinagem e projetos de “Hortas”
- ✚ Observação de animais e nuvens
- ✚ Idas ao jardim público (por não haver espaço exterior na instituição)
- ✚ Todas as atividades e momentos como alimentação, sesta e higiene, são realizados no espaço exterior

**Gráfico 8 - Opinião sobre a posição dos pais face ao aprender no exterior**



Conforme é possível verificar no Gráfico 8, 69% dos educadores de infância afirmaram que os pais e/ou famílias são a favor da aprendizagem no espaço exterior, porém 31% não o consideraram. Assim, é de extrema importância que os pais e /ou famílias se envolvam neste tipo de aprendizagem, aceitando as decisões da equipa educativa face à frequência regular do exterior e compreendendo a importância e as mais valias que este contexto oferece às crianças, sendo de absoluto interesse que ambas as partes conjugassem e alinhassem valores também a este nível, pois todo o processo será seguramente mais facilitado e proveitoso para as crianças.

#### **2.6. Na sua opinião, quais as aprendizagens que considera mais significativas no contacto da criança com o Exterior? E se o exterior estiver inserido na Natureza?**

Considerando todas as respostas a esta questão, destacamos como mais frequentes as seguintes aprendizagens:

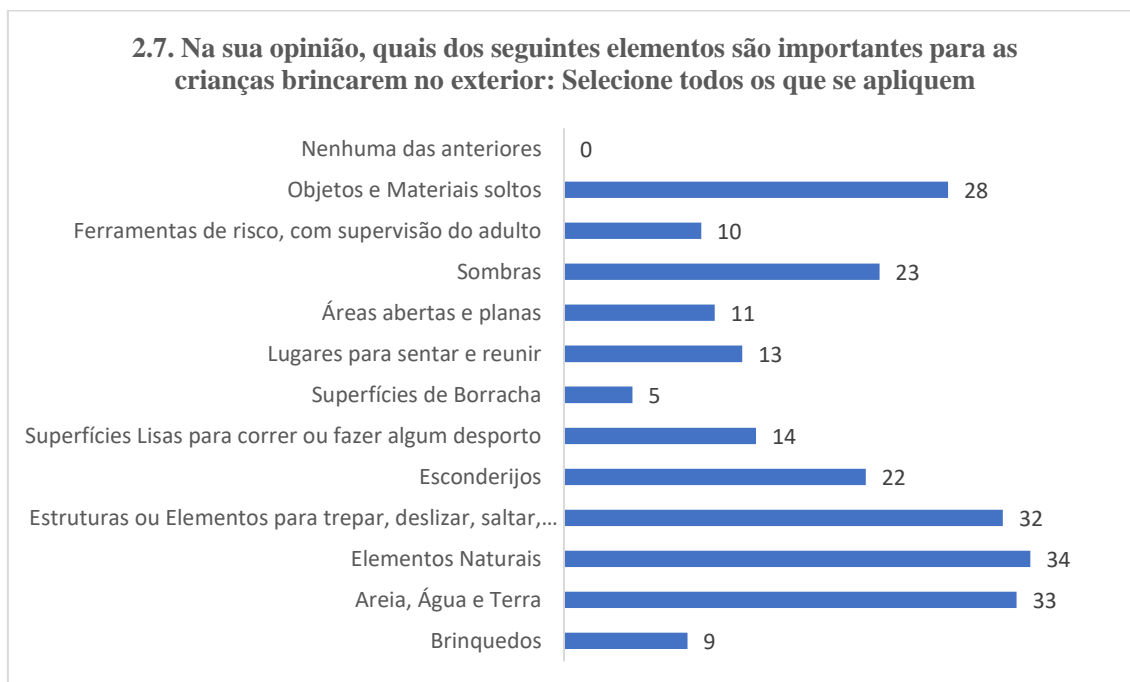
- Desenvolvimento global/ Desenvolvimento pleno
- Desenvolvimento motor, nomeadamente a motricidade e o equilíbrio
- Socialização: autorregulação, resiliência, maior capacidade para a resolução de problemas
- Mais autoconfiança e menos ansiedade
- Desenvolvimento da linguagem

- Autonomia
- Criatividade, curiosidade e imaginação
- Responsabilidade e empatia
- Melhor compreensão acerca do mundo que as rodeia, sensível para com a preservação do meio ambiente
- Conhecimento dos limites e dos riscos/perigos
- Imunidade e resistência a vírus e bactérias

Num estudo, Alden e Pyle (2019) apontam para diferentes benefícios trazidos pelo brincar ao ar livre, como o aumento da atividade física, a diminuição do sedentarismo, o desenvolvimento da autorregulação, competências de gestão de stress, resiliência, competências sociais e saúde. Neste sentido, Neto (2020) complementa que “os benefícios são muito significativos em termos de capacidade adaptativa (motora, cognitiva, emocional e social), cultura de sobrevivência, confronto com a adversidade, regulação emocional, autoconfiança, relação social e de ganhos significativos de competências motoras, cognitivas e sociais” (p. 39), pois Charles (2008) afirma que “as crianças tornam-se mais cooperativas, saudáveis e felizes quando têm oportunidade de brincar livre no exterior com regularidade.”

Assim, como refere Dias (2021), os espaços naturais são também palco para importantes interações entre crianças que, ao serem confrontadas com os imprevistos da Natureza, são incentivadas a cooperar, partilhando ideias, estratégias, medos e desejos. É através destes momentos que, segundo Neto (2020), as “Crianças que se confrontam com o risco têm maior segurança e, em contrapartida, crianças que não se confrontam com o risco estão mais propensas ao acidente” (p.104).

**Gráfico 9 - Elementos considerados importantes, para se brincar, num espaço exterior**



Relativamente aos elementos considerados, pelos educadores, como importantes para as brincadeiras no espaço exterior, é curioso verificar que os elementos naturais, tais como pedras, folhas, areia, água e terra, foram os mais referidos. Como refere Dias (2021), são elementos multissensoriais, isto é, que permitem inúmeras possibilidades de utilização em função dos interesses de cada criança.

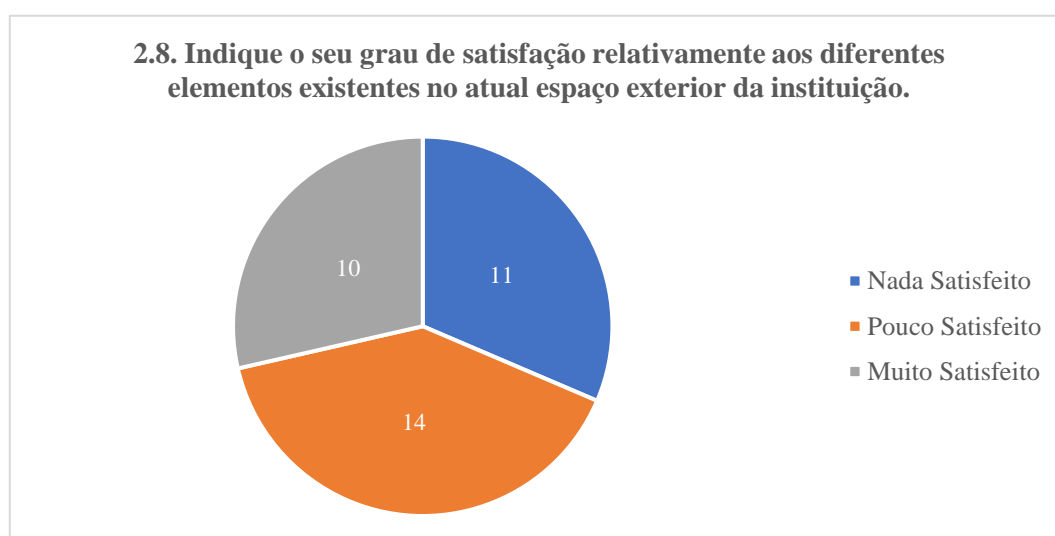
Quanto aos equipamentos destacam-se as estruturas ou elementos para trepar, deslizar e saltar. É visível que se registam poucas respostas que valorizem o uso das superfícies de borracha, tão comuns nas instalações portuguesas, dedicadas à Infância.

Em contrapartida, Carruthers (2010) ao falar sobre as estruturas físicas das experiências ao ar livre de instituições norueguesas refere que não existem muitos brinquedos ou equipamentos nas áreas externas e que as crianças passam o seu tempo em áreas com rios, e de vegetação. Pelo que, nesta cultura, a natureza não só desempenha um papel fundamental como acaba por ser um modo de vida.

De salientar que em Portugal, e de acordo com as respostas recolhidas, é visível que vários educadores de infância até valorizam este tipo de equipamentos e especificamente o uso de recursos naturais, tal como nas instituições norueguesas, embora nessas instituições essa prática seja comum e nas instalações portuguesas não são tão recorrentes.

Conforme refere Barbieri (2012), a natureza desafia a criança através dos seus elementos: a lama, a areia e as pedras com os seus formatos e cores, dimensões, texturas e cheiros, dando oportunidades para que a criança conheça os animais que nela habitam, também com todas as suas particularidades, ruídos, cores e formatos. A criança depara-se assim com inúmeras possibilidades, onde observa, investiga e brinca, desenvolvendo um sentimento de comunhão (p.116).

**Gráfico 10** - Grau de satisfação dos elementos existentes no espaço exterior da instituição



Tendo em conta as respostas a esta questão, relativa ao grau de satisfação quanto aos elementos que estes educadores têm à sua disposição, nas instituições onde trabalham, regista-se uma insatisfação generalizada. Isto é, mais de metade das pessoas manifestam-se pouco ou nada satisfeitas.

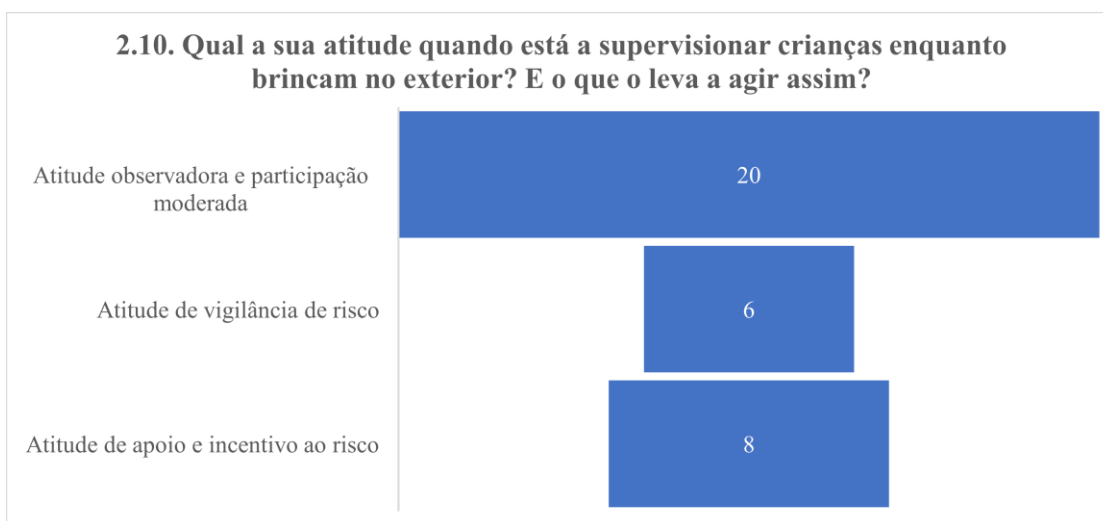
Efetivamente, o apetrechamento das instalações das instituições portuguesas peca pela ideia de modelo standard, através de módulos atrativos do ponto de vista comercial, mas que pouco refletem as verdadeiras necessidades das crianças. Assim, como salientado por Powers e Ridge (2019), o importante é desenvolver a sala de aula ao ar livre que funcione melhor, tendo em conta o terreno da escola e as suas possibilidades. Já nas escolas que têm pouco espaço exterior e/ou elementos que podem ser potenciadores de aprendizagens, cabe ao educador juntamente com a instituição de ensino procurar arranjar alternativas para potenciar este tipo de aprendizagens.

**2.9. Na sua opinião, o que alterava no atual recreio de modo que este se torne num espaço exterior no qual as crianças podem diversificar as suas brincadeiras, e realizar aprendizagens significativas?**

- Mais diversidade e quantidade de elementos naturais
- Piso
- Lona ou pérgula para dar opções para os dias chuvosos
- Horta/ Espaço de floresta/ Caixas de areia/ Jardins e espaços com relva/ Espaço com terra
- Cozinha de lama
- Objetos que potenciem o risco
- Brinquedos
- Exclusão de brinquedos e superfícies lisas
- Esconderijos e lugares de refúgio
- Nada

Curiosamente, volta-se a verificar a indicação de elementos pouco dispendiosos, isto é, com um investimento reduzido comparativamente com o que provavelmente já faz parte das instituições em questão. Afinal, e de acordo com estas opiniões, apetrechar uma instituição parece ser bastante mais simples do que se poderá inicialmente pensar. Destacamos também que são referidos novamente os elementos naturais (areia, horta, relva, lama) em detrimento de outras estruturas mais complexas.

**Gráfico 11** - *Atitude de supervisão dos educadores de infância*



Nesta questão, procurámos conhecer a atitude assumida pelos educadores, aquando da supervisão das crianças, em contexto exterior. Considerando que as respostas a esta questão eram abertas, houve a necessidade de as categorizar, e deste modo, criaram-se 3 (três) categorias:

1. Atitude observadora e participação moderada
2. Atitude de vigilância do risco
3. Atitude de apoio e incentivo ao risco

Conforme podemos verificar na Figura 10, a maioria dos educadores enquadra-se numa atitude observadora e de participação moderada e a restante amostra posiciona-se de uma forma equilibrada entre uma atitude de vigilância ou de apoio e incentivo ao risco.

3. Grupo destinado aos obstáculos ou barreiras identificadas como impeditivos da frequência recorrente do espaço exterior (se for o caso):

### **3.1. Quais as dificuldades sentidas na sua atividade profissional acerca da aprendizagem das crianças no espaço exterior? (Falta de tempo, condições climatéricas, preocupações que a criança se suje ou se magoe, preocupação excessiva por parte dos pais/ famílias, etc...)**

Considerando esta nossa questão, onde pretendemos conhecer quais as dificuldades ou barreiras que os educadores da amostra sentem relativamente ao desenvolvimento da aprendizagem em contexto exterior, verifica-se que atualmente, ainda existem múltiplas dificuldades sentidas pelos educadores de infância acerca da exploração do meio exterior, como contexto potenciador de aprendizagem.

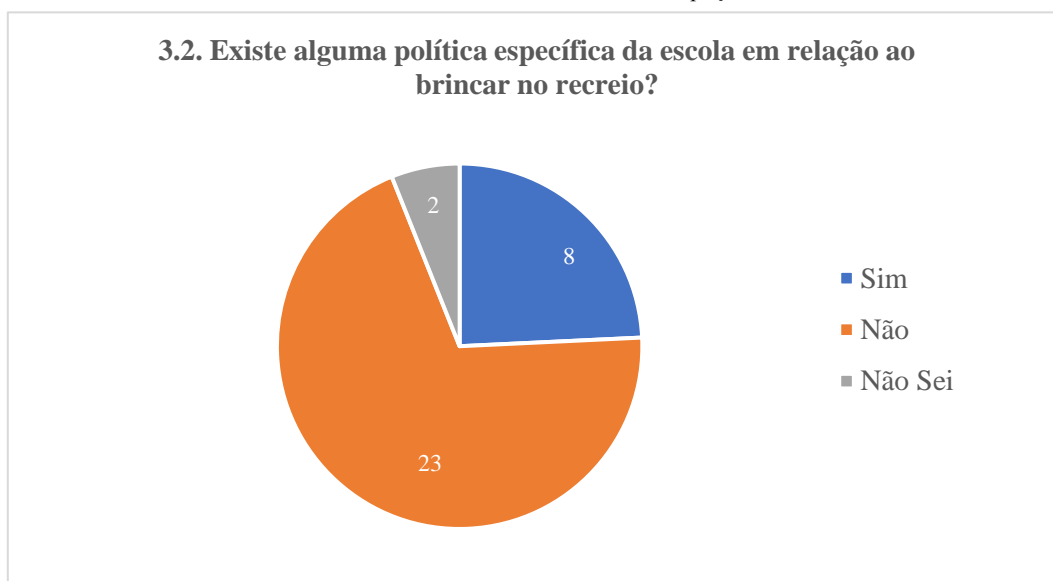
Desta forma, a maior barreira identificada pelos elementos da amostra, foram as condições climatéricas e a preocupação excessiva dos pais relativamente a esse aspeto, sendo que como salienta Louv (2016), “Não existe mau tempo, existe a roupa certa” (p. 40). Este é um ditado muito comum na cultura nórdica que enfatiza a ideia de que as crianças e adultos devem de passar maior parte do tempo ao ar livre desde que tenham roupas necessárias que se adequem à temperatura ambiente.

De seguida, destacaram a falta de tempo e recursos humanos, assim como a falta de roupa adequada e a preocupação excessiva relativamente às crianças irem sujas e/ou magoadas. Outras barreiras mencionadas referem-se à logística como a inexistência de espaço próprio, a adequação e condições do espaço exterior, ao excesso de atividades

planeadas pela instituição, a educadores que são pouco confiantes quanto aos benefícios e a falta de sensibilidade por parte da direção relativamente a este assunto.

Por outro lado, e não tão comum, existem algumas respostas onde os educadores não sentem qualquer tipo de dificuldade ou barreira que os impeça de frequentar o espaço exterior.

Gráfico 12 - Política acerca do brincar no espaço exterior



De acordo com as respostas dadas a esta questão, mais de metade, 23 (vinte e três) dos educadores de infância revelam que não existe nenhuma política específica acerca de brincar no recreio e apenas 8 (oito) reconhecem que existe, e 2 (dois) não têm conhecimento dessa política.

Para Nilsen (2008), a política nacional norueguesa reflete os ideais e imagens culturais acerca de infância e natureza promovendo experiências diárias, nas escolas e jardins de infância, em ambientes naturais. Segundo a autora, neste país nórdico é desenvolvido o conceito de *criança robusta*, e este está intrinsecamente ligado à imagem da criança na natureza que está associado à ideia de uma infância feliz, livre e na natureza.

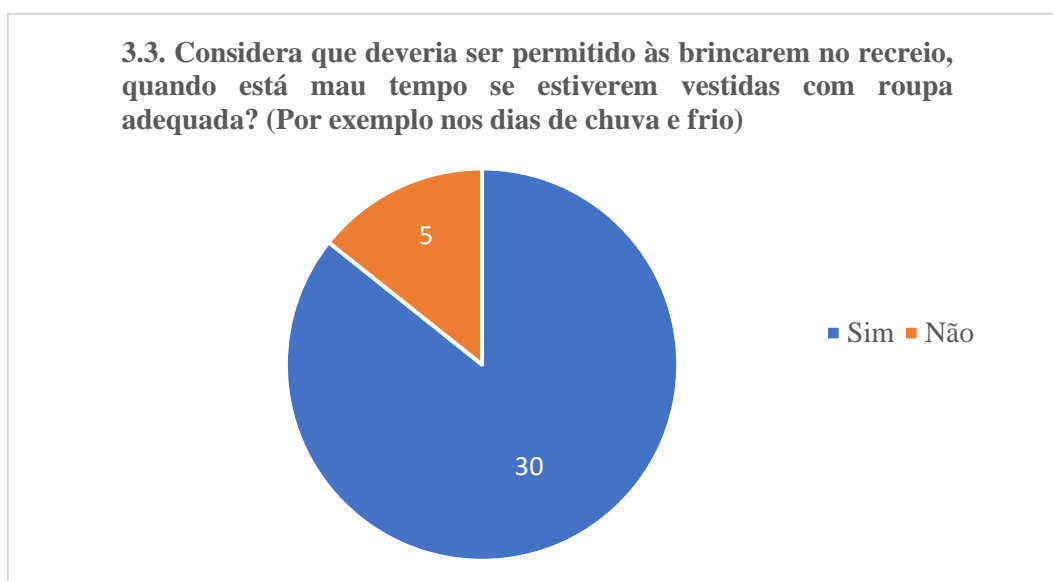
Desta forma, e segundo a nossa amostra é visível que há várias instituições portuguesas que não possuem nenhum tipo de política associada ao brincar no recreio ou no espaço exterior da instituição. O mesmo não acontece em países nórdicos, como a Noruega, que se regem por políticas educativas comuns associadas ao estilo de vida praticado e que constam na legislação e em documentos oficiais, *Day Care Institution Act* e o *Framework Plan for Kindergartens*.

### 3.2.1. Se respondeu “Sim” na questão anterior, dê um exemplo

Para os educadores que responderam afirmativamente, isto é, que reconhecem que a instituição onde trabalham tem uma política quanto às atividades no exterior, de seguida referimos alguns exemplos dessa mesma política:

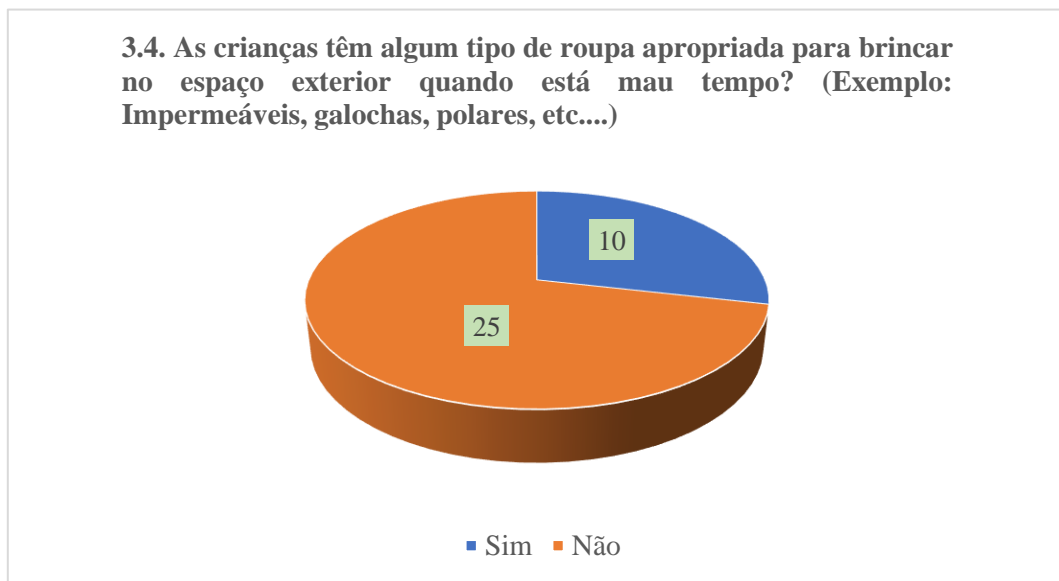
- Só não se recorre ao espaço exterior quando existe risco devido ao vento e às chuvas fortes;
- Ida ao recreio faz parte da rotina
- Limite de duas vezes por semana
- Preocupação acerca da vigilância e possibilidade das crianças se magoarem
- Horários rotativos
- Espaço comum com um espaço da comunidade o que impede o uso de determinadas estruturas e materiais
- Estereotipo que a criança se desenvolve através de fichas.

*Gráfico 13 - Opinião sobre brincar no exterior com condições meteorológicas adversas e roupa adequada*



Quando se coloca esta questão “Considera que deveria ser permitido às crianças brincarem no recreio, quando está mau tempo se estiverem vestidas com roupa adequada? (Por exemplo nos dias de chuva e frio)”, verifica-se que a grande maioria dos elementos da amostra responde afirmativamente, ou seja, são da opinião que as crianças deveriam ser desafiadas com esta condição – mau tempo.

**Gráfico 14** - Existência de roupa adequada para quando está mau tempo



Conforme verificamos no Gráfico 14, acima apresentado, a grande maioria dos educadores afirmou que as crianças não têm disponível peças de roupa adequadas ao mau tempo. Tendo em consideração algumas respostas em questões anteriores, constata-se que a questão do vestuário é delicada e desapropriada para os alunos, pelo que este deve ser um argumento válido para explicar a pouca frequência e utilização do espaço exterior. Segundo Flower (2022), “as crianças não vão conseguir aproveitar as suas atividades no exterior se não tiverem a roupa adequada para as condições meteorológicas”. Para desfrutarem deste espaço, independentemente da meteorologia, é necessário que utilizem roupa confortável e impermeável e calçado apropriado, nomeadamente galochas, para os dias de chuva e chapéus para os dias de sol.

#### 4. Grupo destinado aos testemunhos e opiniões

##### **4.1. Caso pretenda, pode elaborar um breve comentário sobre este tema, referindo se possível o que o leva a pensar dessa forma.**

Esta nossa última questão dá a oportunidade de cada inquirido expressar a sua opinião quanto à importância que dá ao tema central do nosso trabalho.

Nesta caixa de resposta, houve um grande consenso na posição dos educadores de infância face à importância de brincar e ser ativo no espaço exterior. Ainda houve quem elogiasse o tema escolhido por ser um assunto bastante sério, importante e especial.

Neste seguimento, há quem considere que não existe abertura suficiente para colocar em prática este tema e abordaram a questão da consciencialização e sensibilização, afirmando que os educadores de infância devem ter este papel perante os pais e as famílias, e até mesmo com os colegas de profissão que não conseguem perceber os benefícios associados a esta prática.

De facto, muitas das respostas incluem diversos benefícios que são possíveis verificar quando as crianças brincam no exterior, e isso faz com que se desenvolvam crianças mais felizes, saudáveis, plenas e preocupadas com o meio ambiente. Também foi referido que no espaço exterior há uma variedade de momentos e de brincadeiras que no interior não são possíveis de concretizar, e isso oferece um sentimento de felicidade e de liberdade às crianças.

Por fim, as escolas que promovem sistematicamente e inteiramente a brincadeira no espaço exterior ainda não são acessíveis a todo o tipo de famílias, pelo que, neste sentido, ainda existe um grande caminho a percorrer. Desta forma, parece-nos que seria benéfico se houvesse uma maior consciencialização do trabalho que é feito em instituições de ensino fora de Portugal, nomeadamente no norte da Europa, e para desmistificar a noção que as crianças ficam doentes quando estão no exterior.

Assim, parece que a aprendizagem ao ar livre poderá e deverá estar incluída no currículo e em todo o tipo de instituições, reduzindo o tempo dedicado aos ecrãs (telemóveis, tablets, televisões ou computadores) proporcionando, como refere Loureiro e Calheiros (2023) “mais joelhos esfolados e recreios menos silenciosos” (p. 37).

#### 4. Considerações Finais/ Conclusões

O capítulo final do presente relatório destina-se a uma reflexão global acerca de todo o percurso inerente a este estudo. É o momento onde se sistematiza algumas conclusões, onde se retoma a importância do tema e evidencia-se alguns resultados relevantes que surgem associados a outras opiniões e evidências.

A presente investigação permitiu recolher diversas respostas que respondem à pergunta de partida “Qual a percepção dos educadores de infância face à importância de Brincar no exterior, em contexto escolar?”. Através da pesquisa exploratória e descritiva, foi-nos possível explorar e aprofundar conhecimentos acerca das percepções dos educadores de infância face à importância de brincar e ser ativo no espaço exterior.

De acordo com os nossos resultados, é evidente que com a modernização da sociedade e com a crescente tendência para as crianças estarem conectadas a diversas tecnologias, cada vez têm menos tempo para brincar ao ar livre.

As respostas relatadas pelos educadores de infância responderam à pergunta de partida e, em parte, corresponderam às minhas expectativas, na medida que a maioria destes profissionais de educação reconhece a importância e os benefícios associados à brincadeira no espaço exterior em contexto escolar, embora ainda existam muitas barreiras que impeçam a utilização recorrente desse espaço enquanto recurso pedagógico e educativo.

Assim, verificámos através das opiniões recolhidas que não se dá tempo suficiente para a criança usufruir do espaço exterior e isto deve-se a inúmeras razões, nomeadamente a falta de recursos humanos existente nas instituições de ensino que dificulta o processo de logística, a preocupação excessiva por parte dos adultos, sejam pais, educadores de infância e/ou direções, mas acima de tudo o receio de que as crianças se sujem, magoem e adoeçam. Lamentavelmente, ainda há quem refira que não tem espaço exterior na sua instituição de ensino, ou quem possua colegas e direções que relativizam os benefícios associados à brincadeira ao ar livre. Consideravelmente, e em contrapartida, já existe quem não mencione nenhum tipo de obstáculo associado. Desta forma, o objetivo é que com o passar dos anos, e com o aumento da informação e evolução da literatura, que se debruce sobre esta temática, cada vez existam menos ou nenhuns obstáculos sentidos pelos educadores de infância, para que estes possam promover todo o tipo de atividades que desejem no exterior.

Relativamente aos elementos que os educadores consideram importantes para as crianças brincarem no exterior é notável a apreciação de elementos naturais e de estruturas que permitam à criança arriscar e testar os seus limites, embora não seja muito comum observar este tipo de recursos em instituições portuguesas dedicadas ao ensino.

É por isso considerado que os educadores de infância devem envolver-se ativamente no processo de inovação, para que seja possível reorganizar-se e investir-se nas potencialidades dos espaços exteriores em contexto escolar, bem como colocar a par e envolver as famílias acerca desta prática pedagógica, de forma a não existirem tantos entraves. Para isso, é crucial que percebam a importância deste momento onde não deve haver uma preocupação excessiva sobre cair, sujar, aleijar e adoecer, e com esse propósito basta assegurar o vestuário adequado às condições meteorológicas.

Assim, é neste ambiente educativo que se devem promover ações que permitam à criança brincar e explorar diversos elementos naturais, como terra, água lama, relva, que revelam ter um papel fundamental no desenvolvimento de competências consideradas fundamentais na infância. Segundo White (2014), através destes recursos naturais as crianças conseguem:

*encher, deitar (derramar), esvaziar, transferir, misturar, mexer, agitar, fazer espuma, escavar, carregar, manipular, moldar, bater, amolecer, riscar, marcar, atirar, espalhar, borriçar, repartir, servir, alisar, selecionar, apanhar, colecionar, recolher, triturar, guarnecer, esmagar, moer, ralar, medir, acrescentar, ferver, peneirar, filtrar, separar, pipetar e decantar* (p. 19).

E, como afirma Fjørtoft (2004), ainda têm a oportunidade de apreciar “as cores da natureza, as árvores, as matas, os desniveis, as áreas de sombra, os campos, os lugares para trepar e construir ou os espaços desafiadores para explorar e experimentar” (p. 21-44).

Depois de analisados os dados e discutidos os resultados acima apresentados, é momento de salientar a importância do brincar e ser ativo no espaço exterior, bem como os seus benefícios, tendo em conta que esta oportunidade é marcante na vida de cada criança e promove o desenvolvimento holístico da mesma. Segundo Neto (2020), os benefícios do contacto com o espaço natural manifestam-se na saúde e bem-estar das crianças, pois de acordo com Alden e Pyle (2019) promove-se “o aumento da atividade física, a diminuição do sedentarismo, o desenvolvimento da autorregulação, competências de gestão de stress, resiliência, competências sociais e saúde”.

Para investigações futuras que pretendam aprofundar esta temática, sugere-se o aumento do tempo disponível para receber respostas do questionário e o aumento da amostra, abrangendo ainda mais contextos, de forma a conseguir comparar-se mais resultados e fazer-se um balanço mais preciso. Por outro lado, e também requerendo um maior envolvimento a nível de tempo, surge a possibilidade de se realizar um estudo através de uma investigação-ação, para que seja possível verificar a evolução da utilização de um espaço exterior em contexto escolar.

Em suma, a elaboração do presente relatório foi bastante desafiante, na medida que se elabora um estudo extenso, com o qual nos identificamos, e em simultâneo nos é desconhecido, pela sua extensão e complexidade a nível de conhecimentos. Durante este período, foi possível aprender, refletir e crescer, e o fim deste ciclo encerra-se de uma bonita, trabalhosa e longa etapa do percurso académico, da investigação que me permite obter o grau de mestre para exercer como educadora de infância.

Uma vez finalizado o ciclo de estudos procurar-se-á transpor todos os conhecimentos adquiridos para a futura prática pedagógica, numa postura de constante aprendizagem e formação, através de investigações e discussões. Tendo em conta a riqueza das aprendizagens adquiridas, realça-se a importância de brincar e ser ativo nos espaços exteriores.

## Referências

- Alden, C., & Pyle, A. (2019). Multi-sector perspectives on outdoor play in Canada. *International Journal of Play*, 239–254. Obtido de <https://doi.org/10.1080/21594937.2019.1684145>
- American Academy of Pediatrics. (2006). Active healthy living: Prevention of childhood obesity through increased physical activity. *Pediatrics official journal of the American Academy of Pediatrics*, 117(5)(1834-1842).
- Arias, J. C., & Yera, A. P. (1996). O que é a Pedagogia Construtivista? *Revista de Educação Pública*, 5(8), 11.
- Arrieta, M.-C., & Finlay, B. (2016). *Deixe-os comer terra*. (A. Cardoso, Trad.)
- Barbieri, S. (2012). *Interações: onde está a arte na infância?* Blucher.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edições 70 ed.). Edições 70.
- Bento. (2012). *O perigo da segurança : estudo das percepções de risco no brincar de um grupo de educadores de infância*. Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Bento, G. (2020). *Grelha de Observação de Espaços Exteriores em Educação de Infância: GO–Exterior*. UA Editora.
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizar o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72, 88.
- Bento, G., & Portugal, G. (2019). Uma reflexão sobre um processo de transformação de práticas pedagógicas nos espaços exteriores em contextos de educação de infância. *Revista Portuguesa de Educação* 32(2), 91-106.
- Bilton, H. (2010). *Outdoor Learning in the Early Years: management and innovation* (Vol. 3).
- Browner, W., Cummings, S., Grady, D., Hulley, S., & Newman, T. (2007). *Designing Clinical Research* (3rd ed.).

- Cândido, S. V. (2014). Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil. Trabalho de conclusão de curso, Centro de Ciências Humanas e Exatas.
- Carruthers, E. (2010). As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura? Em J. Moyles, Fundamentos da Educação Infantil: Enfrentando o Desafio (p. 195). Artmed.
- Charles, C. (2008). Children and Nature Network: a report on the movement to reconnect children to the natural world.
- Coutinho, C. P. (2014). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. Almedina.
- Crespo, T. (2016). A importância do Brincar para o desenvolvimento da criança. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Portalegre. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19042/1/Relat%c3%b3rio%20Final%20-Teresa%20Paula%20Nogueira%20Crespo.pdf>
- Creswell, J., & Clark, V. (2011). *Designing and conducting mixed methods research* (3rd ed.).
- Dias. (2009). *O vocabulário do desenho de investigação: A lógica do processo em ciências sociais*. Editora Psicospa.
- Dias, G. (2021). Descomplicar o espaço exterior. *Cadernos de Educação de Infância*(122), 16-17.
- Direção Geral da Educação. (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*, (p. 2). Obtido de <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/declaracaodtoscrianca.pdf>
- Ferreira, A. F. (2015). *Interação criança-espaço exterior em Jardim de Infância*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade de Aveiro, Departamento de Educação, Aveiro.
- Figueiredo, A. (2015). *Interação criança-espaço exterior em jardim de infância*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro, Departamento de Educação.

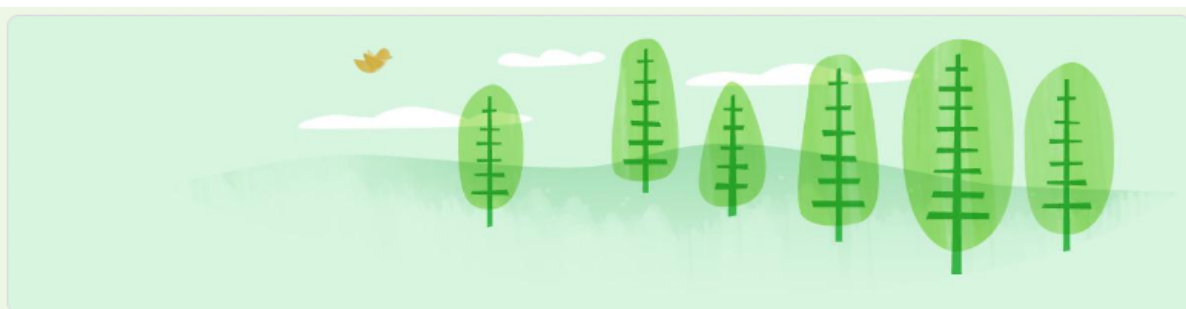
- Fjørtoft, I. (2004). Landscape as Playscape: The Effects of Natural Environments on Children's Play and Motor Development. *Children, Youth and Environment*(14(2)), 21- 44.
- Flower, M. (2022). Exploração nos pátios das escolas urbanas. Em D. Sobel, *Lá em Cima, o Céu. Cá em baixo, a lama* (pp. 196-197).
- Formosinho, O. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação* (Vol. 1). Porto Editora.
- Gomes, B. (2010). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 45 – 46.
- Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e Felizes: Como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Hoz, A. (1985). *Investigacion educativa: diccionario ciencias da educação*. Ediciones Anaya, S.A.
- Huberman , M., & Miles, M. B. (2002). *The Qualitative Researcher's Companion*.
- Kishimoto, T. M. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. *Cadernos de Educação de Infância*(90), 4-7.
- Kvalnes, O. (2017). Risky Play. Em Ø. Kvalnes, *Fallibility at work* (pp. 1-20). palgrave macmillan.
- Loureiro, J., & Calheiros, S. (2023). Tradicional ou digital? *Uma geração agarrada aos ecrãs*, 37.
- Louv, R. (2016). *The Nature Principle*.
- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*.
- Mateus, M. N. (2011). Metodologia de trabalho de projecto: Nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. *Eduser- Revista de educação*, 3(2), 3.
- Mc Daniel, C., & Gates, R. (2013). *Marketing Research Essentials*.
- Moss, S. (2012). Natural Childhood. *National Trust*.

- Mutinho, & Kuhlmann, M. J. (1990). *Educação pré-escolar no Brasil 1899-1922: exposição e congressos patrocinado a "assistência científica"*. Dissertação de Mestrado.
- Nature Action Collaborative for Children*. (Julho de 2008). Obtido de Reconnecting the world's children to nature.
- Neto, C. (2020). Brincar, o direito (des)conhecido. *Cadernos de Educação de Infância*(120), 37-41.
- Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças - A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Nilsen, R. D. (2008). Children in Nature: Cultural Ideas and Social Practices in Norway. Em A. James , A. James , A. James, & A. James (Edits.), *European Childhoods* (pp. 38-60).
- Oliveira, F. I., & Rodrigues, S. T. (2006). Affordances: a relação entre agente e ambiente. *Ciência e Cognição*, 9, 120-130.
- OMS. (2017). *Adolescent Obesity and Related Behaviours: Trends and Inequalities in the WHO European Region, 2002-2014*.
- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (2016). Ministério da Educação/ Direção Geral da Educação (DGE).
- Powers, J., & Ridge, S. W. (2019). *Nature-Based Learning for Young Children: Anytime, Anywhere, on Any Budget*.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Sá, Â. F. (2016). *Espaço exterior como promotor de aprendizagens: brincar e aprender*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Sarmiento, T., & Silva, M. C. (2017). O brincar na infância é um assunto sério.... Em T. Sarmiento, F. I. Ferreira, & R. Madeira, *Brincar e aprender na infância* (p. 42). Porto Editora.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

- Silva, M. M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios- Segundo Bolonha*. Pactor.
- Strecht , P. (2018). *Pais Sem Pressa: o tempo na relação entre pais e filhos*. Contraponto.
- Thomas , F., & Harding, S. (2011). The Role of Play. Em J. White, *Outdoor Provision in the Early Years* (pp. 12-21). Sage Publications Ltd.
- Tovey, H. (2007). *Playing Outdoors: Spaces and Places, Risk and Challenge*. Open university press.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ventura, M. (2021). *Brincar na Natureza: Uma necessidade em Jardins de Infância do Meio Urbano*. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- White, J. (2014). Orientações para fazer uma cozinha de lama. *Cadernos de Educação de Infância*, 19.
- Willoughby, M. (2014). *Outdoor Play Matters: The Benefits of Outdoor Play for Young Children*. Barnardos.
- Zanluchi, F. B. (2005). *O brincar e o criar: as relações entre a atividade lúdica e o desenvolvimento da criatividade e educação*. Do Autor.

## Anexos

### *Anexo 1 - Capa do questionário aos educadores de infância*



## A Importância de Brincar e Ser Ativo no Exterior

**B** *I* U ↻ ✕

O presente questionário surge como instrumento de recolha de dados no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar realizado no Instituto Superior de Educação e Ciências.

O principal objetivo passa por averiguar a perceção de vários educadores(as) de infância relativamente ao uso e importância do espaço exterior e da interação das crianças com a Natureza, para o desenvolvimento e aprendizagem, analisar a frequência e as condições do espaço exterior dos recreios das instituições onde estes educadores(as) exercem, bem como os obstáculos ou barreiras sentidos no seu dia-a-dia.

O questionário é anónimo e confidencial e não existem respostas certas ou erradas, pelo que solicito que responda às questões de forma espontânea e sincera.

Os dados a recolher serão totalmente salvaguardados, não sendo divulgados nem utilizados para quaisquer fins que não investigativos, assegurando-se o anonimato e destruição dos mesmos no final do projeto de investigação. Mais informo que no âmbito deste projeto é obrigatório cumprir todas as disposições contidas na Lei de proteção de dados pessoais (Lei nº 67/ 98).

Os responsáveis pelo tratamento dos dados serão a investigadora Joana Serpa e a aluna Raquel Ramalho e a base de dados será devidamente codificada e anonimizada. Os dados recolhidos serão devidamente arquivados em acesso restrito. Os elementos responsáveis pelo tratamento dos dados têm acesso aos dados durante o período de vigência do estudo (previsivelmente até ao final do ano 2024), sendo este o período de conservação dos dados. Não se prevê a destruição dos dados anonimizados recolhidos, para que possam ser transmitidos à comunidade científica em eventos públicos, congressos científicos e outras publicações, dando cumprimento às diretrizes da transparência científica.

Equipa Responsável: **Mestranda Raquel Ramalho** (raquelsantosramalho2001@gmail.com) e **Professora Doutora Joana Serpa** (joana.serpa@iseclisboa.pt), orientadora do estudo do **ISEC Lisboa**.

**Obrigada pela sua colaboração!**

*Anexo 2 - Faculdade e frase introdutória ao questionário*

*"As memórias de infância ligadas à aventura e ao jogo com a Natureza dificilmente se esquecem."*

Citado de Libertem as crianças - A urgência de brincar e ser ativo. (Neto, 2020, p.150).



*Anexo 3 – Percurso Profissional*

⋮

**1. Percurso Profissional**

Descrição (opcional)

**1.1. Formação Académica \***

- Formação no Ensino Superior - Licenciatura
- Formação no Ensino Superior - Mestrado
- Formação no Ensino Superior - Pós-Graduação
- Formação no Ensino Superior - Doutoramento
- Outra

**1.2. Sexo? \***

- Feminino
- Masculino

**Anexo 4 – Continuação do Percorso Profissional**

1.3. Contexto de Trabalho \*

- Rede Publica
- Rede Privada
- Rede Público-Privada
- Rede Solidária

1.4. Tempo de Serviço \*  
(Apresente a resposta em anos)



Texto de resposta curta

---

**Anexo 5 – Opinião e posição dos educadores face ao tema**

**2. A sua opinião e posicionamento sobre a importância de Brincar no Exterior/ Natureza**

Descrição (opcional)

2.1. Trabalha numa instituição de Ensino Tradicional? \*

Sim

Não

2.1.1. Se respondeu "Não", indique qual a metodologia de ensino da instituição onde trabalha.

Texto de resposta curta

2.2. Considera importante as crianças brincarem no Espaço Exterior e/ou Natureza? Porquê? \*

Texto de resposta longa

2.3. Na sua opinião, as crianças passam tempo suficiente a brincar no espaço exterior? \*

Sim

Não

⋮

2.4. Durante o período educativo dá oportunidade às crianças de brincarem no espaço exterior? Dê alguns exemplos de atividades ou momentos.

Texto de resposta longa

**Anexo 6 – Continuação da Opinião e posição dos educadores face ao tema**

2.5. Acha que os pais/famílias são a favor da aprendizagem no espaço exterior? \*

Sim

Não

2.6. Na sua opinião, quais as aprendizagens que considera mais significativas no contacto da criança com o Exterior? \*

E se o exterior estiver inserido na Natureza?

(Exemplo: A criança torna-se mais/menos autónoma)

Texto de resposta longa

---

**Anexo 7 – Continuação da Opinião e posição dos educadores face ao tema**

2.7. Na sua opinião, quais dos seguintes elementos são importantes para as crianças brincarem no exterior: \*

Selecione todos os que se apliquem

- Brinquedos
- Areia, água e terra
- Elementos naturais (árvores, arbustos, paus, pedras, etc... )
- Estruturas ou elementos para trepar, deslizar, saltar, balançar e equilibrar
- Esconderijos
- Superfícies lisas (para andar de bicicleta, skate, correr, etc...)
- Superfícies de borracha
- Lugares para sentar e reunir
- Áreas abertas e planas
- Sombras
- Ferramentas de risco, com supervisão do adulto (facas, martelos, serrotes, etc...)
- Objetos e materiais soltos (ex: caixas, esponjas, restos de madeira, pás, pneus, cordas, tecidos.)
- Nenhuma das anteriores

*Anexo 8 - Opinião e posição dos educadores face ao tema*

2.8. Indique o seu grau de satisfação relativamente aos diferentes elementos existentes no atual espaço exterior da instituição. \*

(1- nada satisfeito, 2- pouco satisfeito, 3- muito satisfeito)

1

2

3

2.9. Na sua opinião, o que alterava no atual recreio de modo a que este se torne num espaço exterior no qual as crianças podem diversificar as suas brincadeiras, e realizar aprendizagens significativas? \*

Texto de resposta longa

.....

2.10. Qual a sua atitude quando está a supervisionar crianças enquanto brincam no exterior?

(Atitude de apoio, restritiva, participante, de incentivo ao risco, de proibição ao risco, etc...)

E o que o leva a agir assim?

Texto de resposta longa

.....

**Anexo 9 - Obstáculos ou barreiras acerca deste tema**

**3. Que obstáculos ou barreiras identifica como impeditivos da frequência recorrente do espaço exterior. (Se for o caso)**

Descrição (opcional)

⋮

3.1. Quais as dificuldades sentidas na sua atividade profissional acerca da aprendizagem das crianças no espaço exterior? (Falta de tempo, condições climatéricas, preocupações que a criança se suje ou se magoe, preocupação excessiva por parte dos pais/famílias, etc...)

Texto de resposta longa

3.2. Existe alguma política específica da escola em relação ao brincar no recreio?

- Sim
- Não
- Não Sei

3.2.1. Se respondeu "Sim" na questão anterior, dê um exemplo.

Texto de resposta longa

**Anexo 10 – Continuação dos Obstáculos ou barreiras acerca deste tema**

3.3. Considera que deveria ser permitido às crianças brincarem no recreio, quando está mau tempo se estiverem vestidas com roupa adequada? \*

(por exemplo nos dias de chuva e frio)

Sim

Não

3.4. As crianças têm algum tipo de roupa apropriada para brincar no espaço exterior quando está mau tempo? (Exemplo: Impermeáveis, galochas, polares, etc...)

Sim

Não

**Anexo 11 - Testemunhos e Opiniões**

**4. Testemunhos e Opiniões**

Descrição (opcional)

4.1. Caso pretenda, pode elaborar um breve comentário sobre este tema, referindo se possível o que o leva a pensar dessa forma.

Texto de resposta longa

.....